

Comunicação, Política e Atores Coletivos

Atena
Editora
Ano 2020



Alexsandro Teixeira Ribeiro
(Organizador)

Comunicação, Política e Atores Coletivos

Atena
Editora
Ano 2020



Alexsandro Teixeira Ribeiro
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Tais Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
dição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Alexsandro Teixeira Ribeiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

C741 Comunicação, política e atores coletivos [recurso eletrônico] / Organizador Alexsandro Teixeira Ribeiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-365-1

DOI 10.22533/at.ed.651201709

1. Comunicação. 2. Política e governo. I. Ribeiro, Alexsandro Teixeira.

CDD 302.24

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Comunicação, Política e Atores Coletivos” reúne uma série de contribuições científicas que aprofundam o debate sobre temas de convergência entre as áreas da comunicação, como jornalismo, publicidade e relações públicas, em diálogo com outras áreas do conhecimento, como psicologia, sociologia, ciência política e marketing. De cunho interdisciplinar, a obra tem por objetivo apresentar o resultado de pesquisas realizadas em todo o país, consolidando um quadro de cooperações científicas que destaca a excelência nacional na produção de conhecimento. O resultado deste esforço, é uma organização que problematiza assuntos atuais e de relevância pública, como crise econômica, representatividade, gêneros, combate ao feminicídio e movimentos sociais.

De fato, em uma sociedade imersa na comunicação, em que a realidade é socialmente construída a partir das tecnologias da informação, o papel dos meios na representatividade e visibilidade social de um fato é de extrema centralidade. Com isso, a comunicação torna-se a arena para debates que renovarão a esfera pública e promover a integração da sociedade, sobretudo no que diz respeito às comunidades em vulnerabilidade, as identidades que clamam por reconhecimento e os movimentos sociais. Este é o palco que se torna predominante entre as contribuições científicas nesta obra reunida e publicada pela Atena Editora.

Aqui, em um primeiro bloco de artigos, nos aprofundamos na análise dos meios de comunicação ora como promotores de empoderamento, ora como espaço de exclusão. Nesta dicotomia, observamos os discursos e comportamentos da mídia frente ao feminismo, à representatividade da comunidade LGBTI, e à participação das mulheres nos espaços de poder. E não se encerra aí. Ainda observamos nos demais artigos e esforços acadêmicos, que dão conta da amplitude da obra e da qualidade da formação superior nacional, temas como luta pela terra, políticas públicas, a história recente brasileira na luta pela democracia, a violência urbana, crise econômica e o papel da mídia e do Estado em áreas de invisibilidade social. O rigor metodológico e as contribuições interdisciplinares faz da coleção “Comunicação, Política e Atores Coletivos” uma obra que contribui para o campo científico nacional.

Alexsandro Teixeira Ribeiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A VISIBILIDADE DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ESTADÃO: UM ESTUDO SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA FIGURA FEMININA EM REPORTAGENS VEICULADAS NOS ANOS DE 1985 E 2015	
Luíza Buzzacaro Barcellos Janie Kiszewski Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.6512017091	
CAPÍTULO 2	14
LIP SYNC FOR YOUR LIFE: UMA DISCUSSÃO JORNALÍSTICA SOBRE DRAG QUEENS	
Talita Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6512017092	
CAPÍTULO 3	26
MULHERES UNIDAS CONTRA BOLSONARO - REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A PARTICIPAÇÃO CIVIL FEMININA NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2018	
Raquel Lobão Evangelista	
DOI 10.22533/at.ed.6512017093	
CAPÍTULO 4	40
MÍDIAS DIGITAIS, CUIDADO E AUTOCUIDADO NO MOVIMENTO FEMINISTA COMO ESTRATÉGIA DE PARTICIPAÇÃO	
Cosette Castro	
DOI 10.22533/at.ed.6512017094	
CAPÍTULO 5	53
A MULHER NA FOLHA BANCÁRIA: UM RECORTE DE GÊNERO NA IMPRENSA SINDICAL	
Alexsandro Teixeira Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.6512017095	
CAPÍTULO 6	65
AS RECATADAS: AS MULHERES ENQUANTO PAUTA E PROTAGONISTAS NO RÁDIO	
Sofia Soares Dietmann Leslie Sedrez Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.6512017096	
CAPÍTULO 7	75
O CORPO NOS ECOSSISTEMAS COMUNICATIVOS: DESDOBRAMENTOS PARA A EDUCOMUNICAÇÃO	
Ricardo Barretto	
DOI 10.22533/at.ed.6512017097	

CAPÍTULO 8	85
CÂNCER DE MAMA: CORPO, POLÍTICA E A FOTOGRAFIA HUMANISTA DE KATHARINA MOURATIDI	
Mônica Torres	
DOI 10.22533/at.ed.6512017098	
CAPÍTULO 9	101
O PAPEL DO JORNALISMO NO CONTROLE DEMOCRÁTICO E NA EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS	
Juciméri Isolda Silveira	
Manuella Niclewicz	
DOI 10.22533/at.ed.6512017099	
CAPÍTULO 10	110
CONTROLE, REPRESSÃO E VIGILÂNCIA SOB O OLHAR INFANTIL EM <i>O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS</i>	
Gisele Gutstein Guttschow	
Juliana de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.65120170910	
CAPÍTULO 11	124
DO TRABALHO PRECÁRIO À ORGANIZAÇÃO MILITANTE: FORMAS DE ATUAÇÃO POLÍTICA DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TETO (MTST)	
Renan Dias Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.65120170911	
CAPÍTULO 12	140
A CIDADE DO MEDO: A CRISE POLÍTICO-ECONÔMICA E SEUS EFEITOS SOBRE A MARCA RIO	
Patricia Cerqueira Reis	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.65120170912	
CAPÍTULO 13	154
A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932: UMA ANÁLISE DA COBERTURA MIDIÁTICA ACERCA DO FATO HISTÓRICO	
Carlos Eduardo Klingelfus Grasso	
Guilherme Barros Nascimento	
Israel Filipe Santos Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.65120170913	
CAPÍTULO 14	170
BANDIDOS NA TV: A MORTE PELA AUDIÊNCIA	
Marcela Rochetti Arcoverde	
DOI 10.22533/at.ed.65120170914	

CAPÍTULO 15	181
O JORNALISMO NA ERA DO ENTRETENIMENTO: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE INFOTENIMENTO	
Paula Miranda	
Leonel Azevedo de Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.65120170915	
CAPÍTULO 16	194
GUTEMBERG: A ERA DA IMPRENSA	
Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.65120170916	
CAPÍTULO 17	202
INSTRUMENTOS DE PARTICIPAÇÃO POPULAR INFORMAIS: UMA ANÁLISE DOS CONSELHOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS NO MUNICÍPIO DE SOUSA-PB	
Jacynara Farias de Souza Marques	
Rafaela Azevedo dos Santos Felix	
DOI 10.22533/at.ed.65120170917	
CAPÍTULO 18	221
INTERVENÇÃO FEDERAL NO RIO DE JANEIRO (2018): ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS MIDIÁTICAS UTILIZADAS PELO <i>JORNAL NACIONAL</i> E DA SUA RESPONSABILIDADE NA MUDIATIZAÇÃO DA SEGURANÇA PÚBLICA E DA VIOLÊNCIA NO ESTADO	
Tamiris Artico	
Carla Montuori Fernandes	
Maria Goreti Lopes Artico	
DOI 10.22533/at.ed.65120170918	
CAPÍTULO 19	244
NEUROMARKETING APLICADO SOBRE GRANDES MASSAS	
Adelcio Machado dos Santos	
Alexandre Carvalho Acosta	
Evandro Henrique Cavalheri	
DOI 10.22533/at.ed.65120170919	
CAPÍTULO 20	252
O BRASIL NAS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS QUE CIRCULAM NO IMAGINÁRIO ESTRANGEIRO, PRODUÇÃO, CONSUMO E PODER	
Roberta Brandalise	
DOI 10.22533/at.ed.65120170920	
CAPÍTULO 21	265
O CELEIRO VAZIO: A DECISÃO DE PUBLICITÁRIOS DE DEIXAR AS AGÊNCIAS CARIOCAS	
Roberto Sá Filho	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.65120170921	

CAPÍTULO 22	282
A FOTOGRAFIA EM RELAÇÕES PÚBLICAS Ana Domitila Rosa Lemos Silva Gardene Leão DOI 10.22533/at.ed.65120170922	
CAPÍTULO 23	295
PSICOLOGIA AMBIENTAL: UM DIÁLOGO COM ARQUITETURA E DIREITO João Ernesto Pessutto Marco Aurelio Prette Charaf Bdine Nelson Finotti Silva Carlos Florido Migliori Paula de Oliveira Santos Miyazaki Neide Aparecida Micelli Domingos Leda Maria Branco Maria Cristina de Oliveira Santos Miyazaki DOI 10.22533/at.ed.65120170923	
CAPÍTULO 24	308
UM TOM REDENTOR PARA O DISCURSO PUBLICITÁRIO DIANTE DA CRISE ECONÔMICA BRASILEIRA Lívia Valença da Silva DOI 10.22533/at.ed.65120170924	
CAPÍTULO 25	322
DESCOBRINDO NOVOS CAMINHOS: APLICAÇÕES DA TERAPIA COGNITIVO- COMPORTAMENTAL Tháís Sanches Silva Eliana Melcher Martins DOI 10.22533/at.ed.65120170925	
SOBRE O ORGANIZADOR	333
ÍNDICE REMISSIVO	334

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 25/05/2020

Marcela Rochetti Arcoverde

Universidade Federal Fluminense
Niterói – Rio de Janeiro

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2258724254888137>

RESUMO: Este trabalho propõe uma reflexão sobre o uso do mórbido como critério de noticiabilidade nas coberturas televisivas da violência urbana. Nossa discussão se inicia com o caso narrado pela série documental *Bandidos na Tv* da streaming de vídeos Netflix. A série conta a história de Wallace Souza apresentador do programa Canal Livre da TV Rio Negro (AM) acusado de ser mandante das mortes transmitidas no próprio programa. A partir da problemática apontada pela série, debatemos as particularidades dos telejornais dramáticos (LANA, 2009) e como o formato se relaciona com o uso do mórbido como valor-notícia.

PALAVRAS-CHAVE: Telejornalismo; Valor notícia; Homicídio

KILLERS ON TV: DEATH AND RATINGS

ABSTRACT: This paper proposes a reflection on the use of the morbid as a new value in telejournalism. Our discussion begins with the case narrated by the documentary series *Killers Ratings* produced by the streaming of videos, Netflix. The TV series tells the story of Wallace

Souza, host of the Brazilian TV show *Canal Livre*, displayed on TV Rio Negro (AM). He was accused of being responsible for the deaths broadcasted on the program itself. Based on the problems pointed out by that television production, we discussed the particularities of dramatic telejournalism (LANA, 2009) and how the format relates to the use of morbid as a news value.

KEYWORDS: Telejournalism; News values; Homicide

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo teve como objetivo refletir sobre as especificidades do formato do telejornalismo dramático (LANA, 2009) e a exploração sensacionalista da morte na produção de notícias para a televisão. Para tanto, procuramos identificar como programas telejornalísticos se utilizam de notícias de mortes violentas para legitimar discursos políticos e aumentar índices de audiência.

Recorremos à problematização de Sodré (1972) sobre o uso da estética grotesca nas produções televisivas e como esse se relaciona com a história do telejornalismo policial. Tentamos perceber como é gerada a credibilidade dos apresentadores desses programas e que aspectos da formação cultural brasileira permitem o aparecimento de figuras carismáticas com potencial de mobilização política nos meios de comunicação. Utilizamos a conceituação de telejornalismo dramático

proposta por Lana (2009) e a reflexão de Souza (2008) sobre a relação entre morte e telejornalismo.

Refletimos sobre o uso mórbido como valor notícia e percebemos como o imaginário da morte, presente nas sociedades ocidentais, pode ser acionado para criar narrativas sensacionalistas. Nossa análise se baseou no caso do programa Canal Livre da TV Rio Negro e no apresentador do programa Wallace Souza.

2 | BANDIDOS NA TV: UM ENCONTRO ENTRE FICÇÃO E REALIDADE

Em junho de 2019, o título “Bandidos na Tv” entrou no catálogo da Netflix¹. A série é uma produção nacional de caráter documental que levanta questionamentos sobre o contexto no qual foi conduzido o julgamento de Wallace Souza, ex-deputado estadual amazonense, acusado de ser líder do maior grupo de extermínio de Manaus em 2008.

A narrativa da série é construída a partir de cenas do programa apresentado pelo ex-deputado, entrevistas concedidas pelo mesmo na época de seu julgamento e depoimentos de familiares, amigos e colegas de trabalho. Ao longo da história, são intercalados argumentos favoráveis e contrários à inocência do acusado. A série se abstém de resolver as dúvidas levantadas e deixa a decisão nas mãos do espectador.

Wallace Souza foi eleito deputado estadual três vezes com números expressivos, chegando a ser o parlamentar mais votado no Brasil. Além da carreira política, era apresentador do programa Canal livre da TV Rio Negro, sucesso de audiência entre os anos de 1996 e 2009. A vida política e a carreira televisiva eram conduzidas de forma conjunta. Para o ex-deputado, as duas eram instrumento de combate à criminalidade. Eliminar o crime organizado de Manaus foi a missão que ele dizia assumir em suas campanhas políticas e em seu programa televisivo.

O Canal livre era uma mistura de programa de variedades e telejornal policial. O formato adotado era parecido com o estabelecido pelo, famoso na história da televisão popular brasileira, Programa do Ratinho, apresentado por Carlos Massa no Sistema Brasileiro de Televisões (SBT). A mistura entre tragédia e comédia conferiam ao programa o ar de uma feira de atrações grotescas.

Conhecido por suas grandes coberturas policiais, o Canal livre se destacava pelos furos de reportagem, sendo sempre o primeiro a denunciar cartéis do tráfico e a encontrar corpos “desovados”. O apresentador enfrentava situações de risco ao lado de agentes policiais, acompanhava operações e participava de negociações com bandidos. Em uma das coberturas policiais, foi feito refém em tempo real diante de seus espectadores.

Wallace Souza, também ex-policial, utilizava seu passado na corporação e experiência como jornalista para legitimar suas opiniões sobre segurança pública. Ele e seu irmão, Carlos Souza, foram apelidados pelo público de “irmãos coragem” devido às

¹ A Netflix é uma provedora global de filmes e séries via streaming.

coberturas jornalísticas arriscadas que faziam.

O título “Bandidos na TV” é interessante. Ao escolher começar com os depoimentos dos familiares e colegas de trabalho da TV Rio Negro, a série, em um primeiro momento, consegue enganar o espectador desavisado que não conhece a história de Wallace Souza. Caracterizado inicialmente como um justiceiro, o apresentador é inicialmente construído como um homem exemplar, pai de família, com interesse em ajudar a população local. Essa imagem é desconstruída progressivamente até o espectador se dar conta de que os bandidos na TV eram os integrantes da equipe do Canal Livre.

Como a série informa, o primeiro passo para Wallace Souza perder o status de “defensor da população” foi a prisão do ex-policial militar Moacir Jorge Pereira da Costa em 2008. Em cárcere, visando a redução de sua pena, ele denunciou que toda a equipe do programa Canal Livre integrava uma quadrilha responsável por grande parte do tráfico em Manaus e apontou o apresentador como o líder da organização criminosa.

Com o avanço das investigações, o então deputado estadual usou o quanto pode sua influência política e seu espaço na mídia para atestar sua inocência. O esforço não foi suficiente. Em junho de 2009, Wallace Souza teve seu mandato cassado e sua prisão foi decretada em outubro do mesmo ano. Apesar da tentativa de fuga, o ex-deputado acabou se entregando à polícia e veio a falecer na prisão após complicações nos rins e pulmões no dia 27 de julho de 2010.

O enterro do apresentador trouxe grande comoção popular. O cortejo fúnebre foi acompanhado por pessoas de todas as idades, fãs do programa Canal livre. Transmitido por inúmeras emissoras nacionais, a cobertura trazia depoimentos emocionados nos quais era atestada a inocência de Wallace Souza. Para seu público, o ex-debutado era vítima de perseguição política.

A história apresentada pela série da Netflix parece uma grande obra de ficção, uma mistura de suspense, intriga política e entretenimento. O caráter imprevisível de seu enredo torna inacreditável a possibilidade de se tratar de uma história real. A perspectiva de uma figura midiática e política importante usar um programa televisivo como fachada de uma organização criminosa é um enredo ficcional digno de Oscar. No entanto, expressa uma verdade factual: o Canal Livre, literalmente, matava pela audiência e pela manutenção do controle político.

Ao assistirmos “Bandidos na Tv”, nos surpreendemos com o enredo apresentado. Entretanto, em nenhum momento, assumimos uma postura de descrença absoluta na possibilidade de veracidade da produção. Ao apresentar como pano de fundo elementos da linguagem televisiva, a série espelha as peculiaridades da cultura de massa brasileira. Destacaremos que elementos culturais possibilitam a ascensão de figuras midiáticas e políticas como Wallece Souza.

Ao analisar o desenvolvimento da comunicação do grotesco no Brasil, Muniz Sodré (1972) identifica mecanismos psicossociais presentes na cultura brasileira que

influenciaram e foram difundidos pelos veículos de comunicação de massa no Brasil, são eles: o espírito de conciliação, o personalismo exagerado, o gosto pelo verbalismo, otimismo generalizado e transigência nas relações raciais. Trabalharemos somente com os três primeiros mecanismos.

O espírito de conciliação seria uma tendência à lentidão nas reações políticas e também uma postura de indecisão em relação às questões existenciais importantes. Diante disso, prevalece na sociedade uma linguagem conciliatória que apela frequentemente para o bom-senso. Nesses apelos estão presentes “mensagens de (a) retorno ao bom-humor, suposto substrato psicossocial do grupo e (b) resolução espontânea da situação geradora do conflito” (SODRÉ, 1972, p. 31).

O personalismo exagerado refletiria uma tendência a enfatizar de forma demasiada as relações pessoais e prestígio social. É esse mecanismo que permitiria a ascensão de figuras de autoridade presentes em nosso imaginário social como o doutor e o coronel. Sodré percebe, porém, que existe um preavalecimento dessas figuras no interior em relação aos centros urbanos. Para ele, nos lugares com maior desenvolvimento de telecomunicações, essa influência seria deslocada para as “personalidades do mundo do espetáculo” (SODRÉ, 1972, p. 33).

O gosto pelo verbalismo tem origem na separação da cultura letrada de elite da vida prática, na qual a maioria da população seria analfabeta ou semi-letrada. Esse afastamento serviria para produzir um fascínio pelo verbalismo, em especial por mensagens com temas de indignação moral ou de reforma dos costumes (SODRÉ, 1972, p. 33).

Os mecanismos psicossociais destacados se relacionam com uma característica muito particular da história brasileira destacada por Sodré. De acordo com o autor, a trajetória do país foi marcada pelo abrandamento das lutas de classe e pela falta de uma tradição de luta, presente na história de outros países. Assim, para ele, as insurreições brasileiras mais sangrentas “eram manifestações isoladas de grupos oprimidos, sem objetivos de transformação estrutural” (SODRÉ, 1972, p. 23). Essa característica possibilitou o desenvolvimento de uma técnica de dissuasão baseada na palavra e no discurso conciliador que se perpetua até a contemporaneidade.

Esses aspectos culturais são determinantes para definir o modo particular com o qual a comunicação de massa se estabeleceu no Brasil. Desde o início do desenvolvimento do rádio até o estabelecimento da televisão como principal veículo de mídia, as “indústrias do espetáculo” (SODRÉ, 1972) são as responsáveis por dar voz à personalidades cativantes, autointitulados “representantes do povo”.

O programa Canal Livre pode ser relacionado a um gênero televisivo particular. É um programa essencialmente informativo, embora fizesse usos de elementos cômicos e se aproximasse do formato de telejornalismo, conhecido como policial. Historicamente, os telejornais policiais são caracterizados por compor um tipo de narrativa da violência urbana caricata, possuindo apresentadores carismáticos com opiniões polêmicas e fazendo uso de

linguagem sensacionalista.

Assim como o Wallace Souza, outros apresentadores de telejornais que adotam esse formato são conhecidos por defenderem discursos punitivistas e travarem grandes cruzadas midiáticas contra agentes da violência. Esse é o caso de Carlos Massa, que apresentou o 190 Urgente (CNT), Jornal da Massa (SBT) e Programa do Ratinho (SBT). José Luís Datena é outro nome de destaque desse estilo jornalístico e esteve à frente dos dois telejornais remanescentes desse formato: Cidade Alerta (Record) e Brasil Urgente (Band), onde está atualmente.

Existe uma proximidade entre o telejornalismo policial e a carreira política. Assim como Wallace Souza, Datena buscou ingressar na política, sendo pré-candidato a prefeitura de São Paulo pelo Partido Progressista em 2015. Posteriormente, acabou desistindo de sua candidatura. Em 2018, o jornalista anunciou nova pré-candidatura dessa vez ao senado pelo Democratas. Entretanto, renunciou ao vivo em seu programa, Brasil Urgente. Wagner Montes foi outro nome importante para o telejornalismo policial. Falecido em 2019, o jornalista esteve a frente do 190 Urgente (CNT) e Cidade Alerta (Record), assumiu mandato de deputado estadual do Rio de Janeiro pelo Partido Democrático Trabalhista em 2006.

Um ponto de convergência entre as trajetórias políticas e midiáticas dos apresentadores citados acima é o discurso de “higienização social”. A pauta de eliminação dos indivíduos criminosos de forma violenta é recorrente nos telejornais policiais, usados por seus apresentadores como palanque político. Discutiremos a seguir os elementos inerentes ao formato que permitem a ascensão de figuras como Wallace Souza.

3 | TELEJORNALISMO DRAMÁTICO E A ESTÉTICA GROTESCA

O Canal livre fazia uso de elementos mórbidos para legitimar o impacto dos discursos de seu apresentador. Os limites daquilo que se podia mostrar ou não no programa eram flexíveis. Não existia pudor em apresentar corpos queimados, traficantes baleados, poças de sangue e execuções frias. Todos esses elementos eram constantes nas coberturas jornalísticas do programa. Os corpos mortos violentamente na tela da televisão eram naturalizados. O mórbido se constituía em um valor notícia.

O conteúdo do programa era direcionado à população pobre de Manaus. Deixada à merce da criminalidade, devido ao desamparo estatal, essa via em Wallace Souza uma chance de salvação. Mecias do povo, o apresentador atendia a pedidos de emprego, doação de equipamentos de trabalho e, principalmente, apelos para que se fizesse justiça. Parentes de vítimas da violência urbana iam, constantemente, no programa pedir ajuda.

A fórmula usada pelo Canal Livre para transformar o mórbido em notícia e entretenimento tem um longo histórico na televisão brasileira. A década de 90 foi o marco inicial do fenômeno da programação popular, com forte apelo ao escracho e ao grotesco.

“O Homem do Sapato Branco” foi considerado o pioneiro do formato, sendo o

primeiro a dar espaço para o relato de histórias íntimas, dramáticas e reais. Focando sua atenção em pessoas comuns, o programa foi sucesso de audiência e contribuiu para gerar mudanças importantes nos padrões de programação da época. “Com suas histórias, anônimos e desconhecidos tornaram-se fundamentais em programas de auditório dominicais, telejornais “policiais”, reality shows e programas de aconselhamento psicológico” (LANA, 2009, p. 17).

O Aqui e agora (SBT), 190 Urgente (CNT), Cadeia (CNT), o Povo na TV (SBT), Brasil Urgente (Band), Cidade Alerta (Record) e muitos outros foram os programas que marcaram a década, os dois últimos são os remanescentes do formato. Nessas emissões podemos perceber o interesse em dramas, desastres cotidianos, na subjetividade de indivíduos comuns, na violência cotidiana das cidades, na extravagância e no pitoresco de acontecimentos diversos (LANA, 2009, p. 22).

É possível inserir esses programas na categoria de “telejornalismo dramático” (LANA, 2009). O conceito se refere a um modelo de jornalismo televisivo marcado pelo uso de uma linguagem “que lida com o intercâmbio e a combinação de diferentes recursos audiovisuais”. A complexidade do formato torna insuficiente a qualificação “policial”, uma vez que o diferencial não estaria somente no seu conteúdo, mas na estrutura como um todo (LANA, 2009, p. 18).

O grotesco é um elemento estético presente nesse formato televisivo. Na arte, o conceito é entendido como uma “aberração de estrutura ou contexto” (SODRÉ, 1972, p. 39). Na cultura de massa, especificamente na televisão, pode ser percebido na escolha estética tomada por certos programas de explorar a estranheza e o cômico caricatural. Desse maneira, o auditório é transformado em um circo de horrores que mistura o miserável, o deformado, o popular e o sofrimento. A estética grotesca está intrinsecamente relacionada com o projeto político por trás da comunicação de massa brasileira. Na perspectiva de Sodré:

[...] o grotesco dos programas de tevê brasileiros se configura como uma disfunção social e artística, de tipo especialíssimo, que poderíamos chamar de grotesco escatológico. Aqui, o ethos é de puro mau-gosto. Por quê? Porque o valor estético de crítica e distanciamento é anulado por uma máscara construída com falsa organicidade contextual. O grotesco (em todos os seus significantes: o feio, o portador da aberração, o deformado, o marginal) é apresentado como signo do excepcional, como um fenômeno desligado da estrutura de nossa sociedade (SODRÉ, 1972, p. 73).

A comunicação de massa atua como mediadora dos interesses capitalistas. Ela “é o espelho em que a sociedade se olha e se oferece como espetáculo” (SODRÉ, 1972, p. 39). Em uma sociedade marcada por grandes desigualdades, a angústia das classes menos abastadas é sufocada pelo riso despolitizado dos conteúdos televisivos aberrantes. Neste contexto, o grotesco atua como um instrumento de compensação de angústias.

Os telejornais dramáticos oferecem um grande espetáculo de angústias cotidianas

a seus espectadores. A contemplação midiática fornece o afastamento necessário para provocar satisfação catártica das preocupações, sem o potencial de gerar efeitos de transformação ou de formar um pensamento crítico. Neste caso, o que se vende é a emoção pela emoção.

Morin (2003, p. 26) percebe na estética o potencial de fornecimento de “vias de escape em direção a mundos imaginários”, tendo o poder de transfigurar o sofrimento e o mal. O autor identifica a “estetização da dor” como um “dom sublime da arte” capaz de proporcionar ao espectador a dor em sua plenitude, possibilitando que ele possa enfrentar aquilo que o aterroriza. Nesse âmbito:

A situação estética torna assim suportável o insuportável. Terror e piedade, os dois sentimentos que, segundo Aristóteles, nos invadem no espetáculo da tragédia ateniense, surgem efetivamente quando vemos as representações das tragédias humanas. Mas, agora podemos olhar de frente, em situação estética, o próprio terror, o horror da morte, a atrocidade do matador, o infortúnio do órfão, o sofrimento dos traídos, desprezados, humilhados. Opera-se assim uma catarse, como pensava Aristóteles, isto é, uma “purificação” do mal?, o sofrimento e a morte que, como o raio em direção ao pára-raios, dirigem-se em direção a esses personagens fictícios, outros que nós mesmos, mas com quem, de uma certa maneira, nos identificamos, que são nossos pára-raios imaginários, e que morrem em nosso lugar. E é assim que podemos consumir a morte e o destino de maneira pasteurizada, melhor ainda sentir volúpia e gozo no estado estético (MORIN, 2003, p. 26).

Sob essa perspectiva, entendemos que a apreciação da dor mediante uma estetização possibilita a contemplação daquilo que na esfera da realidade seria insuportável para o espectador de forma que ele passe por um processo catártico, responsável por artificializar os efeitos que o trágico e o mórbido causariam se vivenciados sem esse distanciamento.

De uma maneira geral, podemos perceber que programas como o Canal Livre se apropriam das angústias populares para conquistar sua audiência e gerar identificação com o público. Os espectadores do programa viam Wallace Souza como um verdadeiro representante de seus interesses.

O caráter desveladamente assistencialista do programa, que oferecia soluções rápidas para os apelos de seu público, trazia um fio de esperança em meio à descrença no Estado e nas instituições. Não é a toa que mesmo depois de condenado, o ex-deputado continuava sendo visto como um herói, vítima de injustiça e perseguição política, como a série da Netflix demonstrou.

A violência urbana, em especial as notícias de homicídio, era principal fonte de angústia representada no Canal Livre. A exploração da morte violenta no noticiário era um instrumento valioso na disputa pela audiência. Os furos de cobertura e a eficiência em desvendar crimes que até a polícia tinha dificuldade conferia ao programa ainda mais credibilidade.

No âmbito dessa problematização, discutiremos no próximo item os elementos que

permitem a transformação do mórbido em valor notícia, levando em consideração a relação dos ser humano com as mortes violentas e a forma que mídia se apropria das narrativas de homicídios.

4 | O MÓRBIDO COMO VALOR NOTÍCIA

A morte era uma constante no programa Canal Livre. Reportagens com cenas fortes de violência se intercalavam com comentários ácidos de Wallace Souza, criticando a apatia dos governantes. A política de contenção da violência defendida pelo programa era a da bala.

Como já explicitamos anteriormente, o programa era utilizado como palanque das propostas de campanha do ex-deputado, o que direcionava de forma muito particular a linha editorial e os critérios de noticiabilidade do telejornal. Assim, eram privilegiadas notícias de violência e coberturas policiais que permitiam ao apresentador assumir seu protagonismo como herói popular no combate ao crime.

Os critérios de noticiabilidade são os fatores que vão interferir na escolha dos fatos a serem noticiados e no seu grau de relevância social. Esses aspectos determinam, além da publicação ou não de um fato, o tempo de tela dado à notícia e os recursos técnicos e estéticos utilizados para a produção da reportagem.

Na perspectiva de Silva, existem três conjuntos de critérios de noticiabilidade: o primeiro determina a seleção primária dos fatos, baseada em atributos próprios ou características dos acontecimentos reconhecidos por profissionais e veículos de imprensa; o segundo se refere ao tratamento dos fatos, mais especificamente a seleção hierárquica da relevância da notícia, considerando linha editorial, formato do produto, qualidade do material apurado, prazo de fechamento, infraestrutura, recursos técnicos e relação do repórter com fontes e público; o terceiro tem relação com a visão dos fatos, fundamentos éticos, filosóficos e epistemológicos do jornalismo (SILVA, 2014, apud, BAKES, 2018, p. 5).

Não desejamos fazer um aprofundamento maior sobre esse tópico, somente ressaltar a importância de que embora exista um rigor ético e profissional sobre os fatores que tornam algo noticiável, o processo de seleção e produção da notícia é feito por pessoas, com recortes sociais particulares, inseridas em empresas com interesses políticos e comerciais.

No telejornalismo dramático, o mórbido aparece como um valor-notícia importante. A veiculação de mortes trágicas é um instrumento utilizado para atrair a audiência em telejornais sensacionalistas. Em seus conteúdos, a mídia apresenta a morte de maneira “fortuita, imprevisível, violenta, representando inegavelmente uma ruptura” (BARBOSA, 2004, p. 4).

A morte é um tabu nas sociedades ocidentais, gerando medo e curiosidade. Desde seus primórdios, o homem se questionou sobre a existência e a finitude. O medo diante da crueldade da morte fez com que os indivíduos criassem fantasias e mitos com o intuito de

lidar com a angústia perante a confrontação do real (MORIN, 2003, p. 24). Assim, foram criados os ritos mortuários que ajudavam os vivos a lidarem com a dor da perda. Os ritos da morte não são estáticos e se alteram de acordo com as transformações socioculturais ao longo do tempo.

Naturalizada na Idade Média e interdita na Modernidade (ARIÉS, 2017), a morte retornou a vida social através das telas midiáticas. O luto solitário e vergonhoso, que se estabeleceu com a transferência do leito de morte do lar do moribundo para os hospitais, foi substituído pelo cortejo fúnebre midiaticizado, onde se tem tempo e espaço para o luto dramático.

Para Barbosa, existem duas formas diferenciadas de representação da morte nos espaços midiáticos: a morte das figuras públicas e a morte de pessoas comuns. “O morto cerimonial é expiado em atos celebratórios dramáticos. O choro da multidão é convulsivo, as cenas de desespero se sucedem. Acentua-se o caráter dramático do momento de comunhão. Mas para a morte cotidiana o que se destaca é a indiferença” (BARBOSA, 2004, p. 12). Nos relatos das mortes violentas, o morto e sua trajetória são apagados, uma vez que não traria comoção. Nessas narrativas, a mídia traz para o primeiro plano a “violência, a tragédia, os personagens vivos que encenaram a morte banal” (ibid., 2004, p. 13).

É possível verificar dois tipos específicos de mortes de pessoas comuns representadas no Canal Livre: a morte de pessoas vítimas da violência e a morte de autores da violência. Nos dois tipos a morte era desvinculada do morto. A violência era o ponto crucial das narrativas. No entanto, a estética utilizada para noticiar esses dois tipos de morte não é a mesma.

Souza (2008) percebe que na mídia não é a morte que se mostra. Para o autor, as narrativas televisivas, geralmente, se preocupam em apresentar ao telespectador os sinais da morte. Assim, “a maior parte das cenas se encarrega de estimular a imaginação do público” (SOUZA, 2008, p. 78). Essas narrativas recorrem a imagens subjetivas como o sangue na rua, arma do crime, carros destruídos, roupas ensanguentadas, todos os elementos necessários para mostrar que alguém morreu naquela cena.

Raramente, nessas notícias o corpo morto é mostrado de forma explícita. Entretanto, Souza (2008, p. 78) aponta a existência de uma exceção. Segundo o autor, o morto é mostrado somente em casos de morte de bandidos, estupradores, criminosos, ou seja, pessoas cuja morte seria, em certa medida, desejada.

Essa diferença pode ser percebida no Canal Livre. A morte de vítimas de violência era representada como uma grande tragédia, um show de violência, onde eram apresentadas as etapas finais de sofrimento da vítima. Já a morte de bandidos era comemorada pelo apresentador que defendia a execução de forma deliberada. Enquanto Wallace Souza proferia palavras de ordem, a câmera mostrava o corpo morto.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de nossas reflexões teóricas, percebemos que a hiperveiculação de notícias de mortes violentas no Canal Livre foi um instrumento utilizado para manipular a angústia dos espectadores do programa. Diante da pobreza e do desamparo estatal, a população carente de Manaus acreditava na proposta de mudança pregada por Wallace Souza.

Como a série da Netflix demonstra, a mistura de drama e humor característica do programa mascarava uma realidade cruel: enquanto familiares de vítimas da violência recorriam ao Canal Livre para “fazer justiça”, a equipe do programa liderava a cena do crime em Manaus, tendo envolvimento direto nas mortes que noticiava.

A hegemonia midiática conquistada pelo programa se sustentava nos furos jornalísticos e no carisma de Wallace Souza. Como vimos com Sodré (1972), existe uma tradição cultural que permite a ascensão de figuras carismáticas como “heróis conciliadores” capazes de mobilizar as camadas mais populares através do verbalismo. No ambiente rural, esse processo pode ser verificado na relevância simbólica das figuras do doutor e do coronel. Nos centros urbanos com tecnologia de telecomunicações mais desenvolvida, as figuras populares carismáticas tendem a surgir nos veículos de comunicação de massa.

Assim como fazia Wallace Souza, muitos apresentadores de programas sensacionalistas usam o espaço na televisão para gerirem suas imagens de forma positiva e propagar discursos radicais e mobilizadores sobre a violência urbana. Nesses programas, a morte violenta aparece como valor-notícia e tem forte poder de alavancar a audiência.

Por fim, percebemos que priorização das notícias de mortes violentas teve uma dupla função no programa Canal Livre: gerar um alívio no sentimento de angústia do espectador através do processo de catarse e servir de exemplo para os discursos de higienização social propagados por Wallace Souza.

Esse uso das notícias de homicídios pode ser evidenciado em outros telejornais dramáticos que servem de palco para “apresentadores-políticos” como o ex-deputado. Dessa maneira, embora esses programas se classifiquem como informativos, eles atuam como um grande palanque. A eficiência da estratégia pode ser verificada na grande quantidade de votos conquistados por essas figuras políticas.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. 1977. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 316 p.

ARIÈS, P. 2014. **O homem diante da morte**. São Paulo, Unesp, 838 p.

BACKES, Vanessa. **A reprise de notícias em telejornais da TV Globo: um estudo sobre o Jornal da Globo e o Hora 1 da Notícia**. In: Intercom, XVIII, Joinville, 2018. Anais, p. 1-13.

BARBOSA, M. 2004. **A morte imaginada**. In: Compós, XIII, São Paulo, 2004. Anais... UESP, p. 1-14.

LANA, Lígia. **Para além do sensacionalismo: uma análise do telejornal Brasil Urgente**. Rio de

Janeiro: E-papers, 2009.

MORIN, Edgar. **A suportável realidade**. In: Revista cronos, Natal, v.2, jul/dez, 2001.

MUNIZ, Sodré. **A comunicação do grotesco**. Petrópolis: Editora Vozes, 1972.

MUNIZ, Sodré; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro: Maud, 2012.

REZENDE, Renata. **A morte midiaticizada: coo as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida**. Niterói: Eduff, 2015.

SOUZA, Carlos Alberto de. **Telejornalismo e morte: a interdição do ver no noticiário televisivo**. Itajaí: Univale, 2008.

ÍNDICE REMISSIVO

A

análise de conteúdo 26, 37, 221, 228, 268

Análise de Conteúdo 242

Art-College Berlin-Weissense 88

C

Câncer de Mama 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99

Ciberativismo 26, 50

Comunicação Política 30, 32, 221

Conselho Tutelar 202, 210, 213, 214, 215, 219

Constituição Federal 4, 102, 203, 221, 222, 300, 303, 305

Crise Econômica 141, 145, 154, 308, 310, 313, 316

D

Discurso Publicitário 308, 312, 314, 319

Ditadura Civil-Militar 25, 111, 112, 114, 115, 118, 120, 122, 123

E

Educomunicação 75, 76, 78, 81, 83, 84

Estética 16, 43, 95, 98, 110, 111, 112, 122, 159, 170, 174, 175, 176, 178, 191, 264, 298

F

Feminicídio 4, 7, 10, 11, 13, 40

Feminismo 15, 24, 27, 34, 39, 44, 45, 46, 48, 51, 52, 65, 66, 68, 74

Fotografia de Exaltação 286, 287, 293

Foucault 19, 20, 24, 40, 42, 43, 51, 102, 106, 107, 108, 109, 253, 254, 264, 318, 320

G

Gaudreault 112, 113, 120, 123

Gênero 3, 4, 5, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 40, 41, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 97, 173

Grotesco 172, 174, 175, 180

Guerra Civil 157, 164, 167

Gutenberg 194, 196, 200

H

Habitus 313, 318

Historicidade 252, 253, 254

I

Imprensa 2, 5, 9, 10, 11, 12, 18, 22, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 64, 107, 154, 155, 157, 159, 160, 162, 164, 165, 167, 168, 169, 177, 184, 187, 188, 189, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 227, 255, 256, 283, 288, 333

Infotendimento 150, 181, 191

Intervenção Federal 221, 222, 225, 228, 234, 236, 238, 239, 240, 241

J

Jornalismo Sindical 53, 54, 55, 56, 64, 333

Jornal Nacional 221, 225, 226, 228, 229, 230, 233, 235, 238, 241

Judith Butler 15, 44

K

Katharina Mouratidi 85, 86, 87, 88, 91, 92, 94, 96, 100

L

LGBT 16, 17, 18, 20, 21, 22, 25, 211

M

Marketing Territorial 140

Martín-Barbero 75, 76, 77, 84, 191, 193, 255, 264

Mídias Digitais 40, 41, 46, 47, 81

MTST 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139

Muniz Sodré 81, 172, 190, 224

N

Narrativa 93, 111, 112, 114, 118, 122, 123, 160, 171, 173, 182, 185, 186, 189, 190, 192, 228, 291, 292, 317

Neuromarketing 244, 245, 246, 247, 250, 251

Noticiabilidade 6, 170, 177, 182

Novos Movimentos Sociais 124, 126, 206

P

Performance 17, 18, 91, 92, 98, 100

Pesquisa Exploratória 34

Políticas Públicas 4, 12, 13, 38, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 144, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 223, 281, 304

Prensa 189, 194, 195, 197, 198, 199, 201, 294

Protestantismo 200

Psicologia Ambiental 295, 296, 297, 299, 304, 305, 307

R

Rádio 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 84, 161, 173, 184, 257

Redes Sociais 26, 30, 32, 33, 39, 41, 46, 49, 50, 77, 148, 167, 180

Representações Midiáticas 252

S

Subproletariado 131

V

Valor Notícia 170, 171, 174, 177

Comunicação, Política e Atores Coletivos

 **Atena**
Editora
Ano 2020

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Comunicação, Política e Atores Coletivos

 **Atena**
Editora
Ano 2020

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 